

Um Acordo Pecaminoso

OS RAVENELS 3

LISA KLEYPAS



ARQUEIRO

PRÓLOGO

Evangeline, a duquesa de Kingston, ergueu o bebê, seu neto, da pequena banheira e embrulhou-o em uma toalha branca e macia. O bebê deu risadinhas, esticou as pernas fortes e tentou ficar de pé no colo dela. Ele explorou o rosto e os cabelos da avó com as mãozinhas ávidas e molhadas, e Evie riu do carinho desajeitado.

– De leve, Stephen. – Evangeline se encolheu quando o menino agarrou o colar de pérolas que dava duas voltas no pescoço dela. – Ah, eu sabia que não deveria ter colocado esse colar na hora do seu banho. É t-tentador demais.

Evie sempre gaguejara um pouco, embora, com o tempo, tivesse se tornado algo muito discreto.

– Vossa Graça! – exclamou Ona, a jovem babá, indo apressada até Evie. – Eu teria tirado o patrãozinho Stephen da banheira para a senhora. Ele é pesado como um tijolo.

– Stephen não dá trabalho nenhum – garantiu Evie, beijando as bochechas rosadas do bebê e fazendo-o soltar as pérolas.

– Vossa Graça é muito gentil em ajudar com as crianças no dia de folga da ama. – A jovem pegou o bebê dos braços de Evie com cuidado. – Qualquer criada da casa o teria feito com prazer, já que a senhora tem ocupações mais importantes.

– Não há n-nada mais importante do que meus netos. E gosto de passar algum tempo no quarto das crianças... Me faz lembrar de quando meus filhos eram pequenos.

Ona deixou escapar uma risadinha quando Stephen esticou a mão para a touca de babados que ela usava.

– Vou passar talco nele e vesti-lo.

– E eu vou arrumar a bagunça do banho – disse Evie.

– Vossa Graça *não deveria* fazer isso. – A criada estava claramente tentando encontrar um equilíbrio eficaz entre a firmeza e a súplica. – Sobre tudo usando um vestido de seda tão elegante... Por que não se senta na sala de estar para ler um livro, ou bordar?

Quando Evie entreabriu os lábios para discutir, Ona acrescentou:

– A ama vai me matar se souber que aceitei ajuda da senhora.

Xeque-mate.

Como sabia que a ama mataria *as duas*, Evie reagiu com um aceno resignado de cabeça, embora não conseguisse resistir a resmungar:

– Estou de avental.

A babá deixou o banheiro com um sorriso satisfeito e levou Stephen para o quarto das crianças.

Ainda ajoelhada no tapete felpudo em frente à banheira, Evie levou a mão às costas para soltar o laço que prendia o avental de flanela. E pensou, melancólica, que não era fácil satisfazer às expectativas dos criados de como uma duquesa deveria se comportar. Eles estavam determinados a evitar que ela fizesse qualquer coisa mais extenuante do que mexer o chá com uma colher de prata. E, apesar de já ser avó de dois, Evie ainda era esguia e estava em boa forma – plenamente capaz de tirar um bebê escorregadio de uma banheira, ou de correr com as crianças no pomar. Na semana anterior mesmo, ela recebera um sermão do jardineiro-chefe por ter subido em um muro de pedra para recuperar algumas flechas de brinquedo.

Enquanto tentava soltar o nó teimoso, Evie ouviu passos atrás de si. Embora não houvesse outro som ou sinal da identidade do visitante, ela soube quem era mesmo antes de ele se ajoelhar às suas costas. Dedos fortes afastaram os dela, e o nó foi solto com um puxão hábil.

Um murmúrio suave acariciou a pele sensível da nuca de Evie:

– Vejo que contratamos uma nova babá. Irresistível. – Mãos masculinas experientes deslizaram por baixo do avental solto e subiram em uma carícia delicada da cintura até os seios. – Que mocinha voluptuosa. Prevejo que seu trabalho será muito apreciado por aqui.

Evie fechou os olhos e inclinou o corpo para trás, encaixando-se entre as coxas dele. Uma boca gentil, feita para o pecado e para sensações deliciosas, roçou suavemente em todo o pescoço dela.

– Devo alertá-la – continuou a voz sedutora – a manter distância de seu patrão. Ele tem fama de devasso.

Um sorriso se insinuou nos lábios de Evie.

– Foi o que ouvi por aí. É mesmo tão libertino quanto dizem?

– Não. Muito pior. Principalmente no que se refere a ruivas. – Ele soltou alguns grampos dos cabelos de Evie, até uma longa trança cair no ombro dela. – Pobre moça... Temo que ele não a deixará em paz.

Evie estremeceu em um reflexo de prazer quando o sentiu beijar a lateral de seu pescoço.

– C-como devo lidar com ele?

– Com frequência – disse ele, entre beijos.

Evie não conseguiu controlar uma risadinha e se virou nos braços dele para encará-lo.

Mesmo depois de três décadas de casamento, o coração dela ainda batia mais forte ao ver o marido, o antigo lorde St. Vincent, agora duque de Kingston. A maturidade havia feito de Sebastian um homem magnífico, com uma presença ao mesmo tempo intimidadora e fascinante. Desde que assumira o ducado, dez anos antes, ele adquirira um verniz de dignidade muito apropriado a um homem com tanto poder, mas ninguém conseguia olhar dentro daqueles impressionantes olhos azul-claros, que cintilavam com lampejos de fogo e gelo, sem lembrar que ele já fora o sedutor mais perigoso da Inglaterra. E continuava sendo... Evie podia atestar isso.

O tempo fora muito generoso com Sebastian, e sempre seria. Era um belo homem, esguio e elegante, os cabelos num tom escuro de dourado agora levemente grisalhos nas têmporas. Um leão no inverno, a quem ninguém aborreceria sem noção dos riscos. A idade dera a Sebastian uma aparência de autoridade fria e incisiva, a impressão de ser um homem experiente o bastante para raramente, ou nunca, ser manipulado. Mas quando algo o divertia, ou o comovia, seu sorriso era ao mesmo tempo incandescente e irresistível.

– Ah, é você – disse Sebastian, em um tom ligeiramente surpreso, fingindo estar se perguntando como havia terminado de joelhos num tapete de banheiro com a esposa nos braços. – Estava preparado para corromper uma jovem criada resistente, mas você é um caso mais difícil.

– Pode me corromper – ofereceu Evie, em um tom animado.

O marido sorriu, seu olhar brilhante percorrendo com carinho o rosto dela. Sebastian colocou para trás algumas mechas de cabelo de Evie que haviam escapado do penteado, cabelos que já haviam sido vermelhos como rubi e que o tempo havia suavizado para um leve dourado-acobreado.

– Meu amor, tentei por trinta anos. Mas, apesar dos meus mais dedicados esforços... – um beijo docemente erótico roçou os lábios dela – você ainda tem os olhos inocentes daquela flor de estufa com quem eu

fugi para me casar. Não pode tentar parecer ao menos um pouco entediada? Desiludida?

Ele riu baixinho dos esforços dela e beijou-a de novo, dessa vez com uma pressão provocante e sensual que fez o coração de Evie acelerar.

– Por que veio me procurar? – perguntou ela languidamente, inclinando a cabeça para trás enquanto os lábios do marido desciam até o seu pescoço.

– Acabo de receber notícias do seu filho.

– Qual deles?

– Gabriel. Houve um escândalo.

– Por que ele é seu filho quando você está satisfeito com ele, e é meu filho sempre que arruma algum problema com mulheres? – perguntou Evie, enquanto Sebastian lhe tirava o avental e começava a abrir o corpinho do vestido.

– Como, de nós dois, eu sou o virtuoso – retrucou ele –, é o mais lógico pensar que ele deve ter herdado a malícia de você.

– Você foi igual a ele no passado.

– Fui? – Sebastian a acariciou lentamente enquanto considerava as palavras da esposa. – Sou *eu* o pervertido? Não, isso não pode estar certo. Tenho certeza de que é você.

– É você – disse Evie, decidida, e sua respiração acelerava conforme as carícias dele se tornavam mais íntimas.

– Hummm. Isso precisa ser resolvido de uma vez. Vou levá-la direto para a cama.

– Espere. Conte-me mais sobre Gabriel. O escândalo tem relação com... aquela mulher?

Era mais ou menos de conhecimento público que Gabriel estava tendo um caso com a esposa do embaixador americano. Evie reprovava fortemente o relacionamento desde o começo, é claro, e torcera para que terminasse logo. Isso fora dois anos antes.

Sebastian encarou a esposa com o cenho levemente franzido e suspirou baixinho.

– Ele conseguiu corromper a filha de um conde. Uma das Ravens.

Evie também franziu o cenho, pensando no nome, que lhe soava familiar.

– Conhecemos essa família?

– Eu tinha uma relação amistosa com o antigo conde, lorde Trenear. A

esposa dele era uma mulher superficial e leviana... Você chegou a conhecê-la, em uma exposição de jardinagem. Conversaram sobre a coleção de orquídeas dela.

– Sim, eu me lembro. – Infelizmente, Evie não gostara da mulher. – Eles têm uma filha?

– Duas. Gêmeas. Estão participando da primeira temporada social este ano. Parece que seu filho idiota foi pego *in flagrante delicto* com uma delas.

– Puxou ao pai – retrucou Evie.

Sebastian pareceu levemente ofendido e se colocou de pé em um movimento gracioso, puxando a esposa consigo.

– O pai dele nunca foi pego.

– A não ser por mim – comentou Evie, com um ar presunçoso.

Sebastian riu.

– É verdade.

– O que significa exatamente *in flagrante delicto*?

– A tradução literal? “Enquanto o crime está acontecendo.” – Ele a pegou no colo com facilidade. – Acredito que é necessário fazer uma demonstração.

– Mas e o e-escândalo? E Gabriel, e a jovem Ravenel, e...

– O resto do mundo pode esperar – declarou Sebastian, com firmeza. – Vou corromper sua virtude pela décima milésima vez, Evie... e, dessa vez, quero que preste atenção.

– Sim, senhor – disse ela com recato, e envolveu o pescoço do marido com os braços enquanto ele a carregava para o quarto.

CAPÍTULO 1

Londres, 1876

Dois dias antes...

Lady Pandora Ravenel estava entediada.

Profundamente entediada.

Entediada até de estar entediada.

E a temporada social de Londres mal havia começado. Ela ainda teria que suportar quatro meses de bailes, *soirées*, concertos e jantares até que o Parlamento encerrasse os trabalhos e as famílias da nobreza pudessem retornar a suas propriedades no campo. Haveria pelo menos sessenta jantares, cinquenta bailes e só Deus sabia quantas *soirées*.

Jamais sobreviveria.

Pandora curvou os ombros, recostou-se na cadeira e observou o salão de baile lotado. Havia cavalheiros em trajes de gala preto e branco, oficiais das Forças Armadas de uniforme e botas elegantes, damas envoltas em seda e tule. Por que estavam todos ali? O que poderiam ter para conversar que já não houvesse sido dito no último baile?

O pior tipo de solidão, pensou Pandora, irritada, era ser a única pessoa que não estava se divertindo em meio a uma multidão.

Em algum lugar na massa rodopiante de casais valsando, sua irmã gêmea girava graciosamente nos braços de um pretendente esperançoso. Até ali, Cassandra estava achando a temporada social quase tão entediante e decepcionante quanto Pandora, mas demonstrava mais disposição de entrar no jogo.

– Não prefere andar pelo salão e conversar com as pessoas, em vez de ficar parada em um canto? – havia perguntado Cassandra à irmã, mais cedo naquela noite.

– Não. Pelo menos sentada aqui posso pensar em coisas interessantes. Não sei como você aguenta a companhia de pessoas tão cansativas por tantas horas.

– Nem todas são cansativas – protestou Cassandra.

Pandora a encarou com uma expressão cética.

– De todos os cavalheiros que conheceu até agora, teria vontade de rever ao menos um?

– Ainda não – admitiu Cassandra. – Mas não desistirei até conhecer todos.

– Quando se conhece um, *já* se conheceu todos – comentou Pandora, mal-humorada.

Cassandra deu de ombros.

– Conversar faz a noite passar mais rápido. Você deveria tentar.

Infelizmente, Pandora era péssima em conversas superficiais. Achava impossível fingir interesse quando algum grosseirão pomposo começava a se vangloriar de seus feitos, gabando-se de como os amigos gostavam dele e de quantas outras pessoas o admiravam. Ela não conseguia ter paciência com um nobre em idade de declínio que queria uma noiva jovem para lhe servir de companhia e de enfermeira, ou com um viúvo que obviamente procurava uma procriadora. A ideia de ser tocada por qualquer um daqueles homens, mesmo que com as mãos enluvadas, provocava arrepios de horror em Pandora. Só a ideia de conversar com eles fez renascer seu tédio.

Ela baixou os olhos para o piso de parquê encerado e tentou pensar em quantas palavras poderia extrair das letras de “entediada”. Nada... dada... tia... ente...

– Pandora – chamou a voz irritada de sua acompanhante. – Por que está sentada no canto de novo? Deixe-me ver seu carnê de danças.

Pandora levantou os olhos para Eleanor, a lady Berwick, e estendeu, com relutância, o pequeno cartão em formato de leque.

A condessa, uma mulher alta, com uma presença majestosa e a coluna ereta, abriu a capa de madrepérola do carnê de danças de Pandora e examinou com atenção as folhas muito finas.

Todas em branco.

Os lábios de lady Berwick se apertaram como se houvessem sido costurados.

– A esta altura, este carnê já deveria estar cheio.

– Torci o tornozelo – alegou Pandora, sem fazer contato visual com a condessa.

Fingir um pequeno desconforto físico era a única maneira de conseguir permanecer sentada, a salvo, em um canto e evitar cometer uma gafe grave.

De acordo com as regras de etiqueta, depois que uma mulher se recusava a dançar por fadiga ou por algum mal-estar físico, não podia aceitar nenhum outro convite pelo resto da noite.

– É assim que você retribui a generosidade de lorde Trenear? – perguntou lady Berwick, o tom frio e reprovador. – Todos os seus vestidos e acessórios novos... Por que permitiu que ele os comprasse se já havia planejado não aproveitar a temporada social?

Na verdade, Pandora realmente se sentia mal àquele respeito. Seu primo Devon, lorde Trenear, assumira o condado no ano anterior, após a morte do irmão de Pandora, e havia sido imensamente gentil com ela e Cassandra. Não apenas pagara para que estivessem bem-vestidas na temporada social, como também lhes dera dotes substanciais, a fim de garantir o interesse de um bom partido solteiro. Certamente os pais delas, que haviam falecido vários anos antes, teriam sido bem menos generosos.

– Eu não *planejei* não aproveitar minha temporada social – resmungou Pandora. – Só não me dei conta de como seria difícil.

Principalmente dançar.

Certas danças, como a grande marcha e a quadrilha, eram toleráveis. Ela conseguia até mesmo seguir com o *galope*, desde que o parceiro não a girasse rápido demais. Mas a valsa apresentava perigos a cada volta... Pandora perdia o equilíbrio sempre que fazia um círculo completo. Aliás, ela também se desequilibrava na escuridão, quando não podia confiar na visão para se orientar. Lady Berwick não tinha ciência desse problema – por orgulho e constrangimento, Pandora nunca lhe contara. Apenas Cassandra sabia do segredo e da história por trás dele, e havia ajudado a irmã a escondê-lo por anos.

– Só é difícil porque você torna difícil – retrucou lady Berwick, em tom severo.

– Não vejo por que fazer tanto esforço para agarrar um marido que nunca vai gostar de mim.

– Se seu marido vai gostar ou não de você é o que menos importa. Casamento não tem nada a ver com sentimentos. É uma união de interesses.

Embora discordasse, Pandora mordeu a língua para não responder. Aproximadamente um ano antes, sua irmã mais velha, Helen, havia se casado com o Sr. Rhys Winterborne, um plebeu galês, e os dois eram absurdamente felizes. Assim como seu primo Devon e a esposa, Kathleen.

Casamentos em que havia amor podiam ser raros, mas certamente não eram impossíveis.

Mesmo assim, Pandora não era capaz de imaginar aquele tipo de futuro para si. Ao contrário de Cassandra, que era uma romântica, ela nunca sonhara se casar e ter filhos. Não queria pertencer a ninguém e, principalmente, não queria que ninguém pertencesse a ela. Por mais que tentasse querer o que *deveria* querer, sabia que nunca seria feliz com uma vida convencional.

Lady Berwick suspirou e se sentou ao lado de Pandora, a coluna muito ereta, paralela ao encosto da cadeira.

– O mês de maio acabou de começar. Você se lembra do que eu lhe disse a respeito deste mês?

– É o mais importante da temporada, quando acontecem todos os grandes eventos.

– Correto. – Lady Berwick devolveu-lhe o carnê de dança. – Depois desta noite, espero que você faça um esforço. Deve isso a lorde e lady Trehear, e a si mesma. E digo mais: deve isso a mim também, depois de tudo o que fiz para aprimorá-la.

– A senhora está certa – disse Pandora, baixinho. – E lamento muito, sinceramente, pelos problemas que lhe causei. Mas está claro para mim que não nasci para nada disso. Não quero me casar. Fiz planos para me sustentar e viver de forma independente. Com alguma sorte, serei bem-sucedida e ninguém terá que se preocupar mais comigo.

– Está se referindo àquela tolice de criar um jogo? – perguntou a condessa, a voz carregada de desdém.

– Não é tolice. É sério. Acabo de conseguir uma patente. Pergunte ao Sr. Winterborne.

No ano anterior, Pandora, que sempre amara brinquedos e diversões de salão, havia criado um jogo de tabuleiro. Com o apoio do Sr. Winterborne, ela solicitara uma patente e agora pretendia produzir e vender o jogo. O Sr. Winterborne era dono da maior loja de departamentos do mundo e já concordara em encomendar quinhentas unidades. Pandora tinha certeza de que seria um sucesso, mesmo que a única razão para isso fosse o fato de haver pouquíssima concorrência. Graças aos esforços da empresa de Milton Bradley, a indústria de jogos de tabuleiro estava florescendo na América, mas na Grã-Bretanha ainda era incipiente. Pandora já desenvolvera mais

dois jogos e estava para solicitar patentes para eles também. Um dia, ela ganharia dinheiro o bastante para abrir seu próprio caminho no mundo.

– Por mais que aprecie o Sr. Winterborne – comentou lady Berwick, com severidade –, eu o culpo por encorajá-la nessa bobagem.

– Ele acha que tenho tudo para ser uma excelente mulher de negócios.

O rosto da condessa se contraiu como se ela tivesse sido picada por uma vespa.

– Pandora, você é filha de um conde. Já seria bastante lamentável se acabasse se casando com um comerciante, ou com um industrial, mas *you mesma* se tornar comerciante é inimaginável. Não seria recebida em lugar nenhum. Viveria no ostracismo.

– Por que essas pessoas – Pandora olhou de relance para os homens e mulheres que enchiam o salão de baile – se importariam com o que escolho fazer?

– Porque você é uma delas. Um fato que, com certeza, as agrada tanto quanto a você. – A condessa balançou a cabeça. – Não posso fingir que a compreendo, minha jovem. Seu cérebro sempre me pareceu um daqueles fogos de artifício... Como se chamam aqueles que giram loucamente?

– Rodas de Catarina.

– Sim. Girando e brilhando, muita luz e muito barulho. Você julga sem se preocupar em descobrir os detalhes. É bom ser inteligente, mas inteligência em excesso costuma ter o mesmo resultado que a ignorância. Acha que pode desprezar deliberadamente a opinião do mundo? Espera que as pessoas a admirem por ser diferente?

– É claro que não. – Pandora abria e fechava o carnê de danças repetidamente. – Mas elas poderiam ao menos tentar ser tolerantes.

– Tolice, menina rebelde. Por que deveriam? A rebeldia não é nada além de egocentrismo disfarçado. – Embora obviamente a condessa quisesse passar um sermão completo ali mesmo, acabou se calando e se levantando. – Continuaremos esta discussão mais tarde.

Lady Berwick deu as costas a Pandora e seguiu em direção a um grupo de matronas amargas e de olhos atentos reunidas na lateral do salão.

Pandora começou a ouvir o som metálico no ouvido esquerdo, como a vibração de um fio de cobre, que costumava acontecer quando estava aborrecida. Para seu horror, sentiu a pressão de lágrimas de frustração ameaçando cair. Ah, Deus, aquela seria a humilhação máxima: Pandora,

a excêntrica, estabanada e rejeitada, chorando em um canto do salão de baile. Não. Aquilo *não* iria acontecer. Ela se levantou com tanta pressa que a cadeira quase caiu para trás.

– Pandora – chamou com urgência alguém perto dela. – Preciso que me ajude.

Ela se virou, perplexa, bem no momento em que Dolly, lady Colwick, a alcançava.

Uma jovem vivaz e de cabelos escuros, Dolly era a mais nova das duas filhas de lady Berwick. As famílias de Dolly e Pandora haviam se tornado muito próximas depois que lady Berwick tomara para si a tarefa de ensinar etiqueta e bom comportamento a Pandora e Cassandra. Dolly era bonita e querida por todos, e fora gentil com Pandora quando outras jovens damas a haviam tratado com indiferença e desdém. No ano anterior, na temporada social em que Dolly debutara, a jovem fora a sensação de Londres, com uma multidão de solteiros cercando-a em cada evento a que comparecia. Dolly se casara havia pouco com Arthur, lorde Colwick, que era cerca de vinte anos mais velho do que ela, mas tinha a vantagem de possuir uma fortuna de tamanho considerável, além de um título de marquês em seu futuro.

– O que houve? – perguntou Pandora, preocupada.

– Primeiro prometa-me que não vai contar à mamãe.

Pandora deu um sorriso irônico.

– Você sabe que eu jamais conto nada a ela se puder evitar. O que aconteceu?

– Perdi um brinco.

– Ah, que desagradável – comentou Pandora, solidária. – Ora, mas isso poderia acontecer com qualquer pessoa. Eu vivo perdendo coisas.

– Não, você não compreende. Lorde Colwick tirou do cofre os brincos de safira da mãe dele para que eu usasse esta noite. – A jovem virou a cabeça para mostrar a pesada joia de safira e diamantes que pendia de uma de suas orelhas. – O problema não é só eu ter perdido um deles – continuou ela, arrasada. – É *onde* eu o perdi. Saí da casa por alguns minutos com um dos meus antigos pretendentes, o Sr. Hayhurst. Lorde Colwick vai ficar furioso se descobrir.

Pandora arregalou os olhos.

– Por que você fez isso?

– Ora, o Sr. Hayhurst sempre foi meu pretendente favorito. O pobre rapaz ainda está com o coração partido por eu ter me casado com lorde Colwick e insiste em me perseguir. Assim, para aplacá-lo, tive que concordar com um *rendez-vous*. Fomos para o caramanchão que fica depois dos terraços dos fundos. Devo ter perdido o brinco quando estávamos sentados no banco. – As lágrimas prestes a rolar cintilavam nos olhos da jovem. – Não posso voltar lá para procurar. Já fiquei ausente por tempo demais. E se meu marido der falta do brinco... Não quero nem pensar no que pode acontecer.

Seguiu-se um momento de silêncio tenso.

Pandora virou-se para olhar pelas janelas do salão de baile, os vidros cintilando com o reflexo fulgurante das luzes internas. Estava escuro lá fora.

Sentiu um arrepio desconfortável na espinha. Não gostava de ir a lugar algum à noite, muito menos sozinha. Mas Dolly parecia desesperada e fora tão gentil com Pandora no passado que não havia como não oferecer ajuda.

– Quer que eu vá procurá-lo para você? – disse Pandora, com relutância.

– Faria isso? Você poderia ir até o caramanchão, resgatar o brinco e voltar em um instante. É fácil encontrar. Basta seguir o caminho de cascalho que atravessa o gramado. Por favor, por favor, *querida* Pandora. Serei eternamente grata.

– Não há necessidade de implorar – falou Pandora, perturbada, mas ainda bem-humorada. – Farei o possível para encontrar o brinco. Mas, Dolly, agora que está casada, acho que não deveria ter mais nenhum *rendez-vous* com o Sr. Hayhurst. Acredito que ele não valha o risco que você corre.

Dolly encarou Pandora com uma expressão de culpa.

– Tenho carinho por lorde Colwick, mas nunca o amarei como amo o Sr. Hayhurst.

– Por que se casou, então?

– O Sr. Hayhurst é um terceiro filho, jamais terá um título.

– Mas se você o ama...

– Não seja tola, Pandora. Amor é para moças da classe média. – O olhar de Dolly varreu o salão com ansiedade. – Ninguém está olhando. Você pode escapular agora, se for rápida.

Ah, ela seria rápida como uma égua enlouquecida. Não passaria mais do que o tempo absolutamente necessário do lado de fora à noite. Se ao menos tivesse recrutado Cassandra, sempre disposta a ser sua cúmplice, para acompanhá-la... Mas era melhor que Cassandra continuasse a dançar, pois isso prenderia a atenção de lady Berwick.

Pandora seguiu pela lateral do salão casualmente, passando pelos grupos que conversavam sobre a ópera, sobre o parque, sobre a última “novidade”. Quando passou por trás de lady Berwick, quase esperou que a mulher se virasse e se jogasse em cima dela como uma águia-pescadora que acaba de ver um salmão. Felizmente, lady Berwick continuou a observar os casais que dançavam, girando pelo salão em uma sequência rápida de saias coloridas e calças masculinas.

Ao que parecia, sua saída passara despercebida. Ela desceu correndo a grande escadaria, atravessou o enorme salão com varanda e chegou à galeria iluminada que seguia ao longo de toda a extensão da casa. As paredes da galeria eram cobertas por retratos, gerações de aristocratas carrancudos fitando-a com severidade enquanto ela meio andava, meio corria pelo piso decorado.

Encontrou uma porta que se abria para o terraço dos fundos, parou no umbral e ficou olhando, como alguém na amurada de um navio em alto-mar. A noite estava escura, densa e fria. Ela *odiava* a ideia de deixar a segurança da casa, mas se tranquilizou ao ver a sequência de tochas acesas no jardim – na verdade, as tochas consistiam em lamparinas de cobre pousadas sobre estacas de ferro altas que ladeavam o caminho através do amplo gramado.

Concentrada em sua missão, Pandora se apressou em cruzar o terraço dos fundos, na direção do gramado. Uma alameda de abetos escoceses dava ao ar da noite um aroma agradavelmente pungente, ajudando assim a disfarçar o cheiro do Tâmis, que corria túrgido no limite da propriedade.

Vozes masculinas ásperas e o som distante de marteladas vinham da direção do rio, onde trabalhadores reforçavam as estruturas preparadas para a exibição de fogos de artifício. No fim da noite, os convidados se reuniram no terraço dos fundos e nas varandas do andar de cima para assistir ao show pirotécnico.

O caminho de cascalho circundava uma estátua gigantesca do Pai Tâmis, antiga divindade dos rios de Londres. De barba longa e consti-

tuição robusta, a figura sólida estava reclinada sobre uma enorme base de pedra, segurando negligentemente um tridente. Ele estava inteiramente nu, a não ser por uma capa, e Pandora achou que isso o fazia parecer bem tolo.

– *Au naturel* em público? – perguntou ela, debochada, ao passar pela estátua. – Poderíamos esperar isso de uma estátua grega clássica, mas o *senhor* não tem desculpa.

Pandora seguiu em direção ao caramanchão, que era em parte protegido por um arbusto grande e por uma profusão de rosas. A construção era aberta nas laterais, com paredes apaineladas que subiam até metade das colunas, e havia sido erguida sobre uma fundação de alvenaria. O refúgio era decorado com painéis de vidro colorido e iluminado apenas por uma minúscula lanterna marroquina que pendia do teto.

Ela subiu hesitante os dois degraus de madeira e entrou. A única mobília era um banco, que parecia ter sido aparafusado às duas colunas mais próximas.

Enquanto procurava o brinco perdido, Pandora tentava evitar que a bainha do vestido arrastasse no chão empoeirado. Estava usando sua melhor roupa, um vestido de baile feito de seda furta-cor, que de um ângulo parecia prateada e de outro, lilás. O modelo tinha a frente simples, com um corpinho liso e justo e o decote baixo. Uma rede intrincada de pregas na parte de trás descia em uma cascata de seda que oscilava e cintilava a cada movimento seu.

Depois de olhar entre as almofadas soltas, Pandora subiu no banco para espiar no espaço entre o móvel e a parede curva. Um sorriso satisfeito se abriu em seu rosto quando ela viu uma cintilação no canto.

Agora, a questão era como resgatar o brinco. Se ela se ajoelhasse no chão, voltaria ao salão de baile suja como um limpador de chaminés.

A parte de trás do encosto do banco era entalhada em um padrão de flores e arabescos decorativos. Daria para ela enfiar o braço por ali. Pandora descalçou as luvas e enfiou-as em um bolso oculto do vestido. Então, corajosamente, ergueu as saias, ajoelhou-se no banco e enfiou o braço por um dos espaços, até o cotovelo. Seus dedos não conseguiam tocar direito o chão.

Ela se inclinou mais para a frente, enfiou a cabeça no espaço atrás do banco, sentiu um puxão no penteado, seguido pelo barulho de um gram-po caindo.

– Maldição – murmurou.

Pandora ajeitou o corpo, torcendo-o para conseguir encaixar os ombros na abertura, e bateu até seus dedos alcançarem o brinco.

Quando tentou puxá-lo, porém, deparou com uma dificuldade inesperada: a madeira entalhada do encosto parecia ter se fechado ao redor dela como os dentes de um tubarão. Quando tentou puxar o corpo com um pouco mais de força, sentiu o vestido prender em alguma coisa e ouviu alguns pontos da costura se rompendo. Ficou imóvel. Não seria nada bom voltar ao salão de baile com um rasgo no vestido.

Pandora se esticou e tentou tocar as costas do vestido, mas parou de novo ao ouvir a seda frágil começando a rasgar. Talvez, se deslizesse um pouco o corpo para a frente e tentasse recuar em um ângulo diferente... mas a manobra só fez com que ficasse mais presa, e as bordas serrilhadas da madeira entalhada se cravaram em sua pele. Depois de um minuto se debatendo e se contorcendo, Pandora ficou imóvel de novo, a não ser pelos arquejos ansiosos.

– Não estou presa aqui – murmurou. – Não posso estar. – Ela voltou a se contorcer, sem sucesso. – Ah, meu Deus, estou presa, sim. Maldição. *Maldição.*

Se fosse encontrada daquele jeito, seria ridicularizada pelo resto da vida. Pandora até poderia conviver com isso, mas o vexame se refletiria em sua família e acabaria arruinando a temporada social de Cassandra, o que era inaceitável.

Desesperada e frustrada, Pandora tentou pensar na pior palavra que conhecia.

– Bosta.

No instante seguinte, gelou ao ouvir um homem pigarrear.

Seria um criado? Um jardineiro? *Por favor, querido Deus, por favor, que não seja um dos convidados.*

Ouviu passos, como se o homem estivesse entrando no caramanchão.

– Parece que a senhorita está tendo dificuldades com esse banco – comentou o estranho. – Como regra básica, não recomendo essa abordagem de cabeça, pois costuma complicar o processo de se sentar.

A voz dele tinha um tom denso e sereno que provou uma reação agradável nos nervos de Pandora. Ela ficou arrepiada.

– Imagino que esteja se divertindo – falou Pandora, com cuidado.

Ela se esticou para ver o homem pela madeira entalhada. Ele usava roupas de noite formais. Definitivamente, um convidado.

– De forma alguma. Por que eu acharia divertido ver uma jovem posando de cabeça para baixo em uma peça de mobília?

– Não estou posando. Meu vestido se prendeu no banco. E eu ficaria muito grata se o senhor me ajudasse a sair!

– Do vestido ou do banco? – perguntou o estranho, parecendo interessado.

– Do banco – respondeu Pandora, irritada. – Estou toda enrolada nessas... – ela hesitou, sem saber bem como descrever as curvas e arabescos na madeira – ... *tortuosices*.

– Entalhes de folhas de Acanto – completou o homem ao mesmo tempo que ela. Um segundo se passou antes que ele perguntasse, confuso: – Do que os chamou?

– Não importa – respondeu Pandora, constrangida. – Tenho o mau hábito de inventar palavras, e não devo dizê-las em público.

– Por que não?

– Podem pensar que sou excêntrica.

A risada baixa dele despertou uma sensação estranha no estômago de Pandora.

– No momento, meu amor, palavras inventadas são o menor dos seus problemas.

Pandora se espantou com o tratamento informal e ficou tensa quando o homem se sentou ao lado dela. Ele estava perto o bastante para que ela sentisse seu perfume, um aroma que lembrava âmbar, ou talvez cedro, com um frescor terroso. O homem cheirava a floresta.

– Vai me ajudar? – perguntou ela.

– Talvez. Mas só se antes me disser o que está fazendo nesse banco.

– É mesmo necessário?

– É – garantiu ele.

Pandora se irritou.

– Estava pegando uma coisa.

Um braço longo se estendeu pelo encosto do banco.

– Temo que terá de ser mais específica.

O homem não estava sendo muito cavalheiro, pensou Pandora, irritada.

– Um brinco.

– Como perdeu seu brinco?

– Não é meu. É de uma amiga, e tenho que devolvê-lo logo.
– Uma amiga – repetiu ele, duvidando. – Qual o nome dela?
– Não posso dizer.
– Uma pena. Bem, boa sorte. – Ele fez menção de se levantar.
– *Espere*. – Pandora se remexeu e logo ouviu mais pontos de costura se rompendo. Ela parou e bufou, exasperada. – O brinco é de lady Colwick.
– Ah. Imagino que ela tenha estado aqui com Hayhurst.
– Como sabe disso?
– Todo mundo sabe, inclusive lorde Colwick. Acredito que ele não vá se importar muito com os casos de Dolly mais para a frente, mas agora é cedo demais. Ela ainda não deu ao marido um filho legítimo.

Nenhum cavalheiro jamais falara de forma tão franca com Pandora, e ela estava chocada. Mas também era a primeira conversa realmente interessante que já tivera com qualquer um em um baile.

– Ela não está tendo um caso – disse Pandora. – Foi apenas um *rendez-vous*.
– E a senhorita sabe o que é um *rendez-vous*?
– É claro que sei – retrucou ela, com muita pose. – Tive aulas de francês. Significa ter um encontro.

– No contexto em questão – disse o homem, em tom irônico –, significa muito mais do que isso.

Pandora se contorceu, agoniada.

– Não dou a menor importância para o que Dolly e o Sr. Hayhurst estavam fazendo neste banco, só quero *sair* dele. Vai me ajudar agora?

– Suponho que deva. A novidade de conversar com um traseiro desconhecido está começando a se tornar cansativa.

Pandora enrijeceu o corpo, o coração disparando ao sentir que o homem se inclinava sobre ela.

– Não se preocupe. Não vou abusar da senhorita. Não sou chegado a moças muito jovens.

– Tenho 21 anos – informou Pandora, indignada.

– É mesmo?

– Sim, por que parece não acreditar?

– Eu não teria imaginado encontrar uma mulher da sua idade em um apuro desses.

– Estou quase sempre metida em algum apuro.

Pandora se sobressaltou ao sentir uma pressão suave nas costas.

– Fique parada. A senhorita prendeu seu vestido em três pontos diferentes do entalhe de folhas. – Ele estava puxando com jeito as pregas e babados de seda. – Como conseguiu se espremer em um espaço tão pequeno?

– Entrar foi fácil. Mas não me dei conta de que todas essas tortuosidades quer dizer, que essas folhas tinham a ponta virada para trás.

– Já soltei seu vestido. Tente sair agora.

Pandora começou a recuar, mas deu um grito quando uma reentrância da madeira machucou sua pele.

– Ainda não consigo. Ah, *maldição*...

– Não entre em pânico. Gire os ombros para a... não, não para esse lado, para o outro. Espere. – O estranho parecia estar se divertindo mesmo sem querer. – Isso é como tentar abrir uma caixa de segredos japonesa.

– O que é isso?

– É uma caixa de madeira feita de partes interligadas. Só pode ser aberta se a pessoa conhecer a série de movimentos exigida para destravá-la.

Pandora sentiu a mão quente do homem pousar em seu ombro nu e incliná-lo com delicadeza.

O toque dele fez com que um estranho arrepio a percorresse. Pandora respirou fundo, o ar frio acalmando seus pulmões, que pareciam arder.

– Relaxe – disse ele –, e eu a libertarei em um instante.

A voz dela saiu em um tom mais agudo do que o normal:

– Não consigo relaxar com sua mão aí.

– Se a senhorita cooperar, tudo terminará mais rápido.

– Estou tentando, mas essa posição é muito constrangedora.

– Foi a senhorita que se colocou nessa posição, não eu – lembrou o homem a ela.

– Sim, mas... *Ai*.

A ponta de uma folha arranhou o braço dela. A situação estava se tornando intolerável. Movida pelo início de um desespero, Pandora se agitou para passar entre os entalhes na madeira.

– Ah, isso é *horrorendo*.

– Acalme-se. Deixe-me guiar sua cabeça.

Os dois ficaram paralisados quando um grito rouco soou do lado de fora do caramanchão.

– *Que diabo está acontecendo aqui?*

O homem inclinado por cima de Pandora praguejou baixinho. A jovem não estava certa do que significava o xingamento, mas parecia pior até do que “bosta”.

O homem enraivecido lá fora continuou:

– Patife! Eu não esperaria isso nem de você. Forçando suas atenções a uma mulher indefesa e abusando da minha hospitalidade durante um baile beneficente!

– Milorde – falou o acompanhante de Pandora no banco, em um tom brusco –, acho que compreendeu errado a situação.

– Estou certo de que compreendi tudo muito bem. Solte-a agora mesmo.

– Mas ainda estou presa – disse Pandora, em tom de súplica.

– Que *vergonha*. – O homem rabugento lá fora parecia falar com uma quarta pessoa quando continuou: – Pego no ato, ao que parece.

Desnorteada, Pandora sentiu o estranho puxar o rosto dela da lateral do banco, uma das mãos protegendo-a para que não se arranhasse. O toque dele era gentil, mas terrivelmente inquietante, e fez subir uma onda de calor por todo o corpo da jovem. Assim que se viu livre do banco, Pandora se levantou rápido demais. Ficou zonzada, depois de ter passado tempo demais abaixada, e perdeu o equilíbrio. Em um gesto instintivo, o estranho puxou-a para si. Pandora teve um contato breve e impactante com o peito sólido e os músculos firmes antes de ele soltá-la. Os cabelos dela haviam se desprendido do penteado e caíram por cima de sua testa quando ela baixou os olhos para verificar o estado em que se encontrava. Suas saias estavam sujas e amassadas. Havia marcas vermelhas em seus ombros e braços.

– Maldição – murmurou o homem que a encarava. – Quem é a senhorita?

– Lady Pandora Ravenel. Direi a eles...

A voz de Pandora falhou quando ela se viu olhando para um jovem deus de aparência arrogante, alto e de ombros largos, exalando graça felina. A minúscula lanterna no teto fazia reflexos dourados brincarem nos cabelos cor de âmbar dele, cheios e bem-cortados. Os olhos do homem eram de um azul frio, as maçãs do rosto altas, a linha do maxilar parecendo ter sido cinzelada em mármore. A curva cheia e sensual dos lábios emprestava um toque erótico que destoava do resto das feições, tão clássicas. Um único olhar para aquele homem foi o bastante para fazer Pandora se sentir como se tentasse respirar no ar rarefeito. Que efeito provocaria no caráter de um homem ser belo daquela forma quase inumana? Não poderia ser bom.

Abalada, Pandora enfiou a mão no bolso oculto do vestido e guardou o brinco.

– Direi a eles que nada aconteceu. É a verdade, afinal de contas.

– A verdade não vai importar – foi a resposta brusca dele.

O homem gesticulou para que ela saísse do caramanchão na sua frente, e os dois foram imediatamente confrontados por lorde Chaworth, o anfitrião do baile e dono da propriedade. Como era amigo dos Berwicks, lorde Chaworth era uma das últimas pessoas que Pandora desejaria que a houvesse flagrado em uma situação tão comprometedora. Lorde Chaworth estava acompanhado por um homem de cabelos escuros que Pandora nunca vira antes.

Chaworth era baixo e atarracado, como uma maçã apoiada em dois patinhos de espetar azeitonas. Uma nuvem de costeletas e barba brancas oscilou em um movimento tenso quando ele falou:

– O conde e eu estávamos caminhando até a beira do rio para checar a preparação para os fogos de artifício, quando ouvimos por acaso os gritos de uma jovem dama pedindo ajuda.

– Não gritei – protestou Pandora.

– Eu já havia ido até lá embaixo para falar com o encarregado – informou o homem ao lado dela. – Quando estava voltando para a casa, reparei que lady Pandora estava em dificuldades; parte do vestido dela havia ficado presa no entalhe do banco. Só estava tentando ajudá-la.

Os tufos muito brancos que eram as sobancelhas de Chaworth se ergueram quase até encostar nos cabelos quando ele se voltou para Pandora.

– Isso é verdade?

– É, sim, milorde.

– Ora, antes de mais nada, o que a senhorita estava fazendo aqui?

Pandora hesitou, pois não queria incriminar Dolly.

– Saí para tomar um pouco de ar fresco. Estava... entediada lá dentro.

– Entediada? – repetiu Chaworth, ultrajado. – Com uma orquestra de vinte instrumentos e um salão de baile cheio de bons partidos com quem dançar?

– Não fui convidada para dançar – resmungou Pandora.

– Talvez tivesse sido, se não estivesse aqui fora dando liberdades a um notório patife!

– Chaworth – interrompeu em voz baixa o homem de cabelos escuros ao lado do anfitrião –, se me permite uma palavra.

O homem tinha um vigor atraente, feições fortes e bem marcadas e a pele bronzeada de quem passava muito tempo ao ar livre. Embora não fosse jovem – os cachos negros já deixavam ver muitos fios grisalhos e o tempo acentuara as marcas ao redor dos olhos, do nariz e da boca –, ele certamente não poderia ser chamado de velho. Não com aquele ar robusto de saúde e a postura que denotava considerável autoridade.

– Conheço esse rapaz desde o dia em que nasceu – continuou o homem, a voz profunda e um tanto rouca. – Como sabe, o pai dele e eu somos amigos próximos. Darei meu aval pessoal ao caráter e à palavra dele. Pelo bem da jovem, sugiro que guardemos silêncio e sejamos discretos.

– Também tenho boa relação com o pai dele – retrucou, irritado, lorde Chaworth –, que colheu mais do que a cota devida de jovens flores em sua época. Obviamente, o filho está seguindo os passos do pai. Não, Westcliff, não permanecerei em silêncio... Ele deve assumir a responsabilidade por seus atos.

Westcliff? Pandora voltou-se para o homem com interesse. Ouvira falar do conde de Westcliff, que, depois do duque de Norfolk, era dono do título de nobreza mais antigo e respeitado na Inglaterra. Sua vasta propriedade em Hampshire, Stony Cross Park, era famosa pelas pescarias e pelas caçadas.

Westcliff encontrou o olhar dela e não parecia nem chocado, nem condenatório.

– Seu pai era lorde Trenear? – perguntou.

– Sim, milorde.

– Éramos conhecidos. Ele costumava caçar na minha propriedade. – O conde fez uma pausa. – Eu o convidava a levar a família junto, mas ele sempre preferiu ir sozinho.

Aquilo dificilmente seria uma surpresa para Pandora. O pai dela sempre vira as três filhas como parasitas. E, por isso, a mãe também não tivera grande interesse nelas. Como resultado, Pandora, Cassandra e Helen às vezes passavam meses sem ver os pais. A surpresa foi aquela lembrança ainda ter o poder de magoá-la.

– Meu pai fazia de tudo para ter o mínimo contato possível com as filhas – disse Pandora, sem rodeios. – Ele nos considerava um aborrecimento. – Ela abaixou a cabeça e murmurou: – Como veem, provei que estava certo.

– Eu não diria isso. – Um toque de simpatia e bom humor aqueceu a voz do conde. – Minhas próprias filhas já me asseguraram mais de uma vez que

qualquer jovem bem-intencionada e de personalidade forte pode se ver em apuros de vez em quando.

Lorde Chaworth interrompeu a conversa:

– Este “apuro” em particular deve ser resolvido. Vou devolver lady Pandora aos cuidados de sua acompanhante. – Ele se virou para o homem ao lado de Pandora. – Sugiro que se dirija imediatamente à casa Ravenel, para falar com a família dela e fazer os arranjos apropriados.

– Que arranjos? – perguntou Pandora.

– Ele está falando de casamento – esclareceu o rapaz de olhos frios, em uma voz também fria.

Um arrepio de alarme percorreu o corpo de Pandora.

– *O quê?* Não. Não, eu não me casaria com o senhor de forma alguma.

Ao perceber que ele poderia encarar aquilo como uma ofensa, Pandora acrescentou, em um tom mais conciliador:

– Não tem nada a ver com o senhor, é só que não pretendo me casar.

Lorde Chaworth a interrompeu, presunçoso:

– Acredito que suas objeções serão apaziguadas quando souber que o homem parado a sua frente é Gabriel, lorde St. Vincent... herdeiro de um ducado.

Pandora balançou a cabeça.

– Eu preferiria ser uma criada a ser esposa de um nobre.

O olhar frio de lorde St. Vincent se fixou nos ombros arranhados dela, depois em seu vestido rasgado e voltou lentamente a se concentrar no rosto tenso da jovem.

– Fato é – disse ele, em voz baixa – que a senhorita ficou ausente do salão de baile tempo o bastante para que as pessoas percebessem.

Nesse momento, Pandora começou a se dar conta de que estava realmente encrencada. O tipo de encrenca que não poderia ser resolvida com explicações fáceis, com dinheiro, ou mesmo com a influência da família. Ela sentiu o sangue latejar nos ouvidos.

– Não se me deixarem voltar imediatamente para o salão. Ninguém nunca percebe se estou presente ou não.

– Acho impossível acreditar nisso.

O modo como ele falou soou como um elogio.

– É verdade – disse Pandora, desesperada, falando rápido e pensando mais rápido ainda. – Sempre fico isolada em um canto. Só concordei em participar da temporada social para fazer companhia a minha irmã, Cas-

sandra. Ela é a gêmea mais gentil e mais bonita de nós duas, e o senhor é o tipo de marido que Cassandra deseja. Se me deixar chamá-la, poderá cortejá-la, e então eu estarei livre dessa enrascada. – Ao ver que o rapaz não estava entendendo nada, Pandora explicou: – Certamente ninguém esperaria que o senhor se casasse com nós duas.

– Lamento dizer que jamais arruíno a reputação de mais de uma jovem dama em uma mesma noite. – O tom dele era brincalhão porém educado.
– Um homem precisa ter limites.

Pandora decidiu tentar outra abordagem:

– O senhor *não quer* se casar comigo, milorde. Eu seria a pior esposa possível. Sou esquecida e teimosa, e não consigo ficar sentada por mais de cinco minutos. Estou sempre fazendo o que não devo. Escuto as conversas dos outros, grito e corro em público, e sou desajeitada na dança. E comprometi meu caráter com uma grande quantidade de leituras não recomendadas. – Ela parou para respirar e percebeu que lorde St. Vincent não parecia devidamente impressionado com sua lista de defeitos. – Além disso, tenho pernas finas. Como uma cegonha.

À menção indecente de partes do corpo, lorde Chaworth arquejou audivelmente, enquanto lorde Westcliff pareceu desenvolver um súbito interesse pelas rosas de cem pétalas próximas dele.

A boca de lorde St. Vincent tremeu brevemente, como se ele estivesse se controlando para não rir.

– Aprecio sua sinceridade – disse ele, após um instante. Então fitou lorde Chaworth com um olhar gelado. – No entanto, à luz da extrema insistência de lorde Chaworth, não tenho escolha a não ser discutir a situação com sua família.

– Quando? – perguntou Pandora, ansiosa.

– Esta noite. – Lorde St. Vincent se aproximou dela e abaixou a cabeça para encará-la. – Vá com Chaworth. Diga a sua acompanhante que estou indo agora à casa Ravenel. E, pelo amor de Deus, tente não ser vista. Eu odiaria que pensassem que fui tão incompetente ao molestar alguém. – Depois de uma pausa, ele acrescentou, mais baixo: – Ainda precisa devolver o brinco de Dolly. Peça a um criado que o entregue.

Pandora cometeu o erro de levantar os olhos. Nenhuma mulher teria permanecido incólume diante daquele rosto de arcanjo. Até então, os rapazes privilegiados que conhecera durante a temporada social lhe pa-

receram empenhados em alcançar certo ideal de aparência, uma espécie de autoconfiança aristocrática fria, mas nenhum deles chegava nem perto daquele estranho estonteante que sem dúvida fora mimado e admirado a vida toda.

– Não posso me casar com o senhor – disse Pandora, ainda que entorpecida. – Eu perderia tudo.

Ela se virou, deu o braço a Chaworth e o acompanhou de volta à casa, enquanto os outros dois homens ficavam para trás, para conversar em particular.

Chaworth ria sozinho, com uma satisfação enervante.

– Por Deus, anseio por ver a reação de lady Berwick quando eu contar a ela a novidade.

– Ela me matará na mesma hora – conseguiu dizer Pandora, quase engasgando de infelicidade e desespero.

– Por quê? – perguntou o homem ao lado dela, incrédulo.

– Por ter me deixado comprometer.

Chaworth deu uma gargalhada.

– Cara menina, ficarei surpreso se ela não se levantar dançando. Acabei de conseguir o casamento do ano para você!

CAPÍTULO 2

Gabriel praguejou e enfiou as mãos nos bolsos.

– Lamento – disse Westcliff com sinceridade. – Se não fosse por Chaworth...

– Eu sei.

Gabriel andava de um lado para outro diante do caramanchão, como um tigre enjaulado. Não conseguia acreditar. Já escapara com tranquilidade de muitas armadilhas casamenteiras, mas finalmente fora apanhado. Não por uma sedutora experiente, ou por uma beldade sofisticada da alta sociedade. Sua queda viera na forma de uma jovem excêntrica que ninguém tirava para dançar. Pandora era filha de um conde, o que significava

CONHEÇA OS LIVROS DE LISA KLEYPAS

Os HATHAWAYS

Desejo à meia-noite
Sedução ao amanhecer
Tentação ao pôr do sol
Manhã de núpcias
Paixão ao entardecer
Casamento Hathaway (e-book)

AS QUATRO ESTAÇÕES DO AMOR

Segredos de uma noite de verão
Era uma vez no outono
Pecados no inverno
Escândalos na primavera
Uma noite inesquecível

Os RAVENELS

Um estranho irresistível
Uma noiva para Winterborne
Um acordo pecaminoso

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro, visite o nosso site. Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

